

Além da muralha de sono/ *Beyond the wall of sleep*

*Howard Phillips Lovecraft**

Tenho me perguntado com frequência se a maioria da humanidade alguma vez pausa para refletir acerca do significado ocasionalmente titânico dos sonhos e do mundo obscuro a que eles pertencem. Enquanto o maior número de nossas visões noturnas talvez seja não mais que reflexos débeis e fantásticos de nossas experiências despertas — ao contrário de Freud com seu simbolismo pueril — há ainda certo resíduo cujo caráter *mundano* e etéreo não permite interpretação ordinária, e cujo efeito vagamente animador e inquietante sugere possíveis vislumbres rápidos de uma esfera de existência mental não menos importante que a vida física, todavia separada desta vida por uma barreira quase intransponível. De minha experiência não posso duvidar que o homem, quando perdido para a consciência terrestre, está com certeza habitando em outra vida incorpórea de natureza bastante diferente da vida que conhecemos, e de que apenas as memórias mais tênues e indistintas permanecem após o despertar. Destas memórias borradas e fragmentárias podemos inferir muito, no entanto provar pouco. Podemos imaginar que na vida onírica matéria e vitalidade, como a terra conhece tais coisas, não são necessariamente constantes; e que tempo e espaço não existem como nós os compreendemos. Às vezes acredito que esta vida menos material é nossa vida mais verdadeira, e que nossa vã presença no globo terráqueo é por si só um fenômeno secundário ou meramente virtual.

Foi de um devaneio jovial cheio de especulações deste tipo que acordei em uma tarde no inverno de 1900-1, quando à instituição psicopática estadual em que eu servia como um interno foi trazido o homem cujo caso tem desde então me atormentado tão incessantemente. Seu nome, como dado nos registros, era Joe Slater, ou Slaader, e sua aparência era aquela do típico habitante da região da Montanha Catskill; um destes descendentes estranhos e repelentes de uma linhagem de camponeses coloniais cuja isolamento por quase três séculos na fortaleza montanhosa de uma zona-rural pouco

* Autor. Nascido em 1890, começou a escrever aos nove anos. Publicou, durante sua carreira, em *pulp magazines* dos Estados Unidos. Morreu em 1937 em sua cidade natal, Providence, Rhode Island. Tradução feita por Estêvão Renovato Silva de Lima, aluno do curso de Letras – Língua Inglesa da Universidade Federal de Campina Grande. Endereço eletrônico: estevaorenovato@gmail.com

vijada levou-os a afundar em um tipo de degeneração bárbara, em vez de avançar com seus irmãos mais felizmente assentados nos distritos densamente povoados. Entre este povo estranho, que correspondia exatamente ao elemento decadente do “lixo branco” no Sul, leis e morais são inexistentes; e seu status mental geral está provavelmente abaixo daquele de qualquer outra porção do povo nativo-americano.

Joe Slater, que veio à instituição sob a custódia cautelosa de quatro policiais do estado, e que era descrito como um indivíduo altamente perigoso, certamente não apresentava evidência de sua disposição perigosa quando o observei pela primeira vez. Embora bem acima da estatura mediana e de perfil decerto forte, a ele era dada uma aparência absurda de estupidez inofensiva pelo tom azul pálido e sonolento de seus pequenos olhos lacrimosos, pela escassez de sua barba amarela nunca feita e pela inclinação apática de seu lábio inferior. Sua idade era desconhecida, pois entre sua estirpe nem registros de família nem laços familiares permanentes existem; mas por causa da calvície de sua cabeça na frente e da condição apodrecida de seus dentes, o cirurgião principal registrou-o como um homem de mais ou menos quarenta anos de idade.

Dos documentos médicos e do tribunal aprendemos tudo que podia ser reunido de seu caso: este homem, um caçador e um vagabundo, sempre fora estranho aos olhos de seus companheiros primitivos. Ele havia habitualmente ido dormir à noite depois do horário habitual e, ao acordar, costumava falar de coisas desconhecidas em uma maneira tão bizarra que inspirava medo mesmo nos corações de uma população prosaica. Não que sua forma de linguagem fosse completamente incomum, pois ele nunca falava salvo no dialeto degradado de seu meio; mas o tom e teor de seus enunciados eram de tal selvageria misteriosa que ninguém consegue ouvi-los sem apreensão. Ele mesmo ficava geralmente tão aterrorizado e desconcertado quanto seus ouvintes, e dentro de uma hora após acordar esquecia-se de tudo que dissera, ou ao menos tudo que o levava a dizer o que disse, recaindo em uma normalidade bovina e parcialmente amigável como a de outros habitantes da colina.

Conforme Slater envelhecia, parecia que suas aberrações matinais gradualmente aumentavam em frequência e violência; até mais ou menos um mês antes de sua chegada à instituição haver ocorrido a tragédia chocante que causou sua prisão pelas autoridades. Em uma manhã, próximo ao meio-dia, depois de um sono profundo

começado em uma orgia de uísque aproximadamente às cinco horas da tarde anterior, o homem despertara repentinamente, com ululações tão horríveis e sobrenaturais que trouxeram diversos de seus vizinhos a sua cabana — um chiqueiro imundo onde ele habitava com uma família tão indescritível quanto ele próprio. Apressando-se para a neve do lado de fora, ele atirou os braços para cima e começou uma série de pulos no ar, enquanto gritava sua determinação de alcançar uma “choupana grande, grande, com brilho no telhado, nas paredes e no chão e a estranha música alta à distância”. Enquanto dois homens de tamanho moderado procuravam contê-lo, ele lutava com força maníaca e fúria, gritando seu desejo e necessidade de encontrar certa “coisa que brilha, treme e ri”. Finalmente, depois de temporariamente derrubar um de seus detentores com um soco repentino, ele lançou-se sobre o outro em um êxtase demoníaco de sede de sangue, gritando diabolicamente que ele iria “pular alto no ar e queimar seu caminho através de qualquer coisa que tentasse pará-lo”.

Família e vizinhos fugiram agora em pânico, e quando o mais corajoso deles retornou, Slater estava desaparecido, deixando para trás uma polpa irreconhecível que fora um homem vivente pouco mais de uma hora antes. Nenhum dos habitantes das montanhas ousou persegui-lo, e é provável que eles houvessem acolhido com prazer sua morte pelo frio; mas quando várias manhãs depois ouviram seus gritos de uma ravina distante eles compreenderam que ele de alguma forma conseguira sobreviver, e que sua remoção de uma maneira ou outra seria necessária. Então, seguiu-se um grupo de busca armado, cujo propósito (que quer que tenha sido originalmente) tornou-se o do pelotão do xerife depois que os soldados estaduais raramente populares observaram por acidente, então questionaram, e finalmente se aliaram aos buscadores.

No terceiro dia Slater foi encontrado inconsciente no côncavo de uma árvore e levado à cadeia mais próxima, onde alienistas de Albany examinaram-no assim que seus sentidos retornaram. A eles, Joe contou uma história simples. Ele disse que fora dormir em uma tarde aproximadamente ao pôr-do-sol depois de beber muito licor. Ele acordara para encontrar-se de pé com as mãos ensanguentadas na neve em frente a sua cabana, o corpo mutilado de seu vizinho Peter Slader a seus pés. Horrorizado, ele correu para a floresta na tentativa vaga de escapar da cena do que deveria ter sido seu crime. Além destas coisas ele parecia saber de nada, nem o questionamento hábil de seus interrogadores conseguia extrair sequer um fato adicional.

Naquela noite Slater dormiu quietamente, e na manhã seguinte ele acordou sem nenhuma característica singular salvo certa alteração de expressão. Doutor Barnard, que estivera vigiando o paciente, pensou notar nos pálidos olhos azuis certo brilho de qualidade peculiar e nos lábios flácidos um comprimir quase imperceptível, como se de determinação inteligente. Mas, quando questionado, Slater voltou à habitual calma do habitante da montanha e apenas reiterou o que dissera no dia anterior.

Na terceira manhã ocorreu o primeiro dos ataques mentais do homem. Depois de mostrar inquietude em seu sono, ele irrompeu em um frenesi tão poderoso que os esforços combinados de quatro homens foram necessários para prendê-lo em uma camisa de força. Os alienistas ouviram com sagaz atenção as palavras dele, visto que sua curiosidade fora estimulada pelas histórias sugestivas e sobretudo conflituosas e incoerentes de sua família e vizinhos. Slater delirou por mais de quinze minutos, balbuciando em seu dialeto rústico sobre edifícios verdes de luz, oceanos de espaço, música estranha e montanhas e vales sombrios. Mas acima de tudo ele demorou-se murmurando sobre a entidade resplandecente que se agitava, ria e o escarnecia. Esta personalidade vasta e vaga parecia ter o ofendido terrivelmente, e matá-la em vingança triunfante era seu desejo primordial. Ele disse que, no intuito de alcançá-la, iria planar através de abismos de vazio, *queimando* cada obstáculo que se colocasse em seu caminho. Assim continuou seu discurso, até que com grande brusquidão ele parou. O fogo da loucura morreu em seus olhos, e em fastidiosa surpresa ele olhou para seus questionadores e perguntou por que estava preso. R. Barnard desafiou as correias de couro e não as recolocou até a noite, quando teve êxito em persuadir Slater a vesti-la a sua própria vontade, para seu próprio bem. O homem agora admitira que ele às vezes falava estranhamente, embora não soubesse o porquê.

Dentro de uma semana outros dois ataques aconteceram, mas deles os médicos aprenderam pouco. A respeito da *fonte* das visões de Slater eles especularam exaustivamente, pois como ele não conseguia ler ou escrever e aparentemente nunca ouvira uma lenda ou um conto de fadas, seu imaginário deslumbrante era decerto inexplicável. Que isto não poderia vir de qualquer mito ou romance conhecido foi especialmente esclarecido pelo fato de que o lunático desafortunado expressava-se apenas em sua maneira simples. Ele delirava sobre coisas que não entendia e não tinha capacidade de interpretar; coisas que afirmava ter experimentado, mas que não poderia

ter aprendido através de qualquer narração normal ou linear. Os alienistas rapidamente concordaram que os sonhos anormais eram a fundação do problema; sonhos cuja vivacidade conseguia por algum tempo completamente dominar a mente desperta deste homem basicamente inferior. Com devida formalidade Slater foi julgado por assassinato, absolvido em vista de sua insanidade e confiado à instituição em que eu mantenho um cargo tão modesto.

Eu disse que eu sou um especulador constante concernindo à vida onírica, e disto você deve julgar a ânsia com que me apliquei ao estudo do novo paciente assim que completamente averigui os fatos de seu caso. Ele parecia sentir certa afabilidade em mim, nascida sem dúvida do interesse que eu não conseguia esconder e das maneiras gentis com que eu o questionava. Não que ele alguma vez me reconhecesse durante seus ataques, quando eu me maravilhava sem fôlego com suas narrativas caóticas porém cósmicas; mas ele me conhecia em suas horas calmas, quando se sentava próximo a sua janela gradeada tecendo cestas de palha e salgueiro e talvez sentindo falta da liberdade da montanha que ele jamais aproveitaria novamente. Sua família nunca se importou em visitá-lo; provavelmente por haver encontrado outro chefe temporário, à maneira do povo decadente da montanha.

Gradualmente comecei a sentir uma admiração esmagadora pelas concepções loucas e fantásticas de Joe Slater. O homem era deploravelmente inferior tanto em mentalidade quanto em linguagem; mas suas visões brilhantes e titânicas, embora descritas em um jargão bárbaro e desarticulado, eram indubitavelmente coisas que apenas um cérebro superior ou mesmo excepcional conceberia. Normalmente me eu perguntava: como poderia a imaginação estólida de um degenerado de Catskill conjurar visões cuja possessão demonstrava a faísca escondida da genialidade? Como qualquer bronco rústico poderia ter ganhado tais ideias de reinos brilhantes de esplendor celestial sobre os quais Slater discursava em seu delírio furioso? Cada vez mais eu me inclinava a acreditar que na lamentável personalidade que se encolhia diante de mim jazia o núcleo desordenado de algo além de minha compreensão; algo infinitamente além da compreensão de meus colegas médicos e científicos mais experientes porém muito menos imaginativos.

E ainda assim eu não conseguia extrair qualquer informação precisa do homem. O resumo de toda minha investigação foi que em um tipo de vida onírica semicorpórea

Slater vagueava ou flutuava através de vales, campos, jardins, cidades e palácios de luz prodigiosos e resplandecentes, em uma região ilimitada e desconhecida ao homem; que lá ele não era camponês ou degenerado, mas uma criatura de importância e vida vívida, movendo-se orgulhosa e dominantemente e reprimido apenas por certo inimigo mortal que parecia ser uma entidade de estrutura visível contudo etérea e que aparentava não ter forma humana, pois Slater nunca referiu a ela como um homem, ou como algo salvo a *coisa*. Esta *coisa* fizera um mal horrendo e inominado a Slater, do qual o maníaco (se maníaco ele fosse) desejava vingar-se.

A partir da maneira em que Slater aludia a seus negócios, julguei que ele e a *coisa* luminosa encontraram-se em termos iguais; que em sua existência onírica o homem era por si próprio uma coisa luminosa da mesma raça que seu inimigo. Esta impressão foi sustentada por suas referências frequentes a *voar pelo espaço* e *queimar* tudo que impedisse seu progresso. Todavia estas concepções eram formuladas em palavras rústicas completamente inadequadas para transmiti-las, uma circunstância que me levou à conclusão de que, se um mundo onírico verdadeiro realmente existisse, linguagem oral não era o meio para transmissão de pensamento. Será que a alma onírica habitando esse corpo inferior estava desesperadamente lutando para falar coisas que a língua simples e hesitante de insensibilidade não conseguia proferir? Estaria eu face a face com emanções intelectuais que explicariam o mistério se eu pudesse aprender a desvendá-las e lê-las? Eu não falei aos médicos mais velhos sobre essas coisas, pois a meia idade é cética, cínica e indisposta a aceitar novas ideias. Ademais, o chefe da instituição recentemente me alertara em sua maneira paternal que eu estava trabalhando em excesso; que minha mente necessitava de um descanso.

Fora por muito tempo crença minha que o pensamento humano consiste basicamente em movimento atômico ou molecular, conversível em ondas etéreas de energia como calor, luz e eletricidade. Esta crença muito cedo me levava a contemplar a possibilidade de telepatia ou comunicação mental por meio de aparato adequado, e em meus dias de universidade eu preparara um conjunto de instrumentos de transmissão e recepção decerto similares aos dispositivos pesados empregados em telegrafia sem fio no período tosco antes do rádio. Estes eu testara com um colega, mas não encontrado resultado, prontamente guardara com outras miudezas científicas para possível uso futuro.

Agora, em meu desejo intenso de investigar a vida onírica de Joe Slater, eu recorri a estes instrumentos novamente e passei vários dias reparando-os para ação. Quando eles estavam completos novamente não perdi oportunidade de testá-los. A cada surto de violência de Slater, eu encaixava o transmissor a sua testa e o receptor a minha, constantemente fazendo delicados ajustes para vários comprimentos hipotéticos de onda de energia intelectual. Eu tinha pouca noção de como os pensamentos e impressões iriam, se transmitidos com sucesso, despertar uma resposta inteligente em meu cérebro, mas eu tinha certeza de que poderia detectá-los e interpretá-los. Consequentemente continuei meus experimentos, embora informando a ninguém de sua natureza.

Foi em vinte e um de fevereiro, 1901, que a coisa aconteceu. Quando olho para trás ao longo dos anos percebo quão surreal parece, e às vezes me pergunto se Doutor Fenton não estava certo quando imputou tudo isso a minha imaginação entusiasmada. Lembro que ele ouviu-me com grande bondade e paciência quando lhe contei, mas depois me deu valeriana e providenciou férias de seis meses em que parti na semana seguinte.

Naquela noite fatídica eu estava descontroladamente agitado e perturbado, pois apesar do cuidado excelente que recebia, Joe Slater estava indubitavelmente morrendo. Talvez fosse da liberdade da montanha que ele sentia falta, ou talvez a perturbação em seu cérebro houvesse se tornado muito aguda para seu físico decerto moroso; mas em todo caso a chama da vitalidade cintilava baixa em seu corpo decadente. Ele estava apático próximo ao fim, e conforme a escuridão agigantava-se ao seu redor ele dormia um sono turbulento.

Eu não o atei à camisa de força como de costume quando ele dormia, pois vi que ele estava muito fraco para ser perigoso, mesmo se acordasse em desordem mental mais uma vez antes de falecer. Mas eu coloquei sobre nossas cabeças as duas extremidades de meu “rádio” cósmico, esperando pela primeira e última mensagem do mundo onírico no breve tempo restante. Na cela conosco estava um enfermeiro, um companheiro medíocre que não entendia o propósito do aparato ou pensava em questionar meu comportamento. Conforme as horas passavam vi sua cabeça inclinar-se desajeitadamente em seu sono, mas não o perturbei. Eu mesmo, embalado pelo respirar rítmico do homem moribundo e do saudável, devo ter cochilado um pouco mais tarde.

O som de uma estranha melodia lírica foi o que me acordou. Cordas, vibrações e êxtases harmônicos ecoavam apaixonadamente em cada palmo, enquanto em minha visão arrebatada rompia-se o espetáculo estupendo de beleza irrevogável. Muros, colunas e arquivadas de fogo vivo brilhavam fulgentes em torno do lugar onde eu parecia flutuar no ar, estendendo-se acima em uma redoma abobada infinitamente alta de esplendor indescritível. Combinando-se a esta mostra de magnificência palaciana, ou melhor, suplantando-a às vezes em rotação caleidoscópica, estavam vislumbres de planícies largas e vales graciosos, montanhas altas e grutas convidativas, abarcando cada atributo amável da paisagem que meus olhos admirados concebiam, todavia completamente formada de uma entidade brilhante, etérea e plástica que em consistência partilhava tanto de espírito quanto de matéria. Conforme eu observava, percebi que meu próprio cérebro detinha a chave para estas metamorfoses encantadoras; pois cada vista que aparecia para mim era aquela que minha mente cambiante mais desejava ver. Neste reino elísio eu não habitava como um estranho, pois cada visão e som era-me familiar; assim como fora por incontáveis eternidades antes e seria pelas eternidades a vir.

A aura resplandecente de meu irmão de luz aproximou-se e presidiu um colóquio comigo, alma a alma, com intercâmbio silencioso e perfeito de pensamento. A hora do triunfo estava próxima, pois não estava meu ser igual finalmente escapando de um degradante cativeiro periódico?, escapando para sempre e preparando-se para seguir o opressor maldito até mesmo aos extremos dos campos de éter, para que sobre ele fosse forjada uma vingança cósmica flamejante que tremeria as esferas? Flutuamos assim por pouco tempo, quando percebi um tênue borrar e desaparecer dos objetos ao nosso redor, como se alguma força estivesse me chamando de volta à terra — para onde eu menos desejava ir. A forma perto de mim pareceu sentir a mudança também, pois gradualmente trouxe seu discurso a uma conclusão e preparou-se para deixar a cena, sumindo de minha vista em uma velocidade decerto menos rápida que aquela de outros objetos. Mais alguns pensamentos foram trocados, e eu soube que o ser luminoso e eu estávamos sendo mandados de volta para o cativeiro, embora para meu irmão de luz essa fosse a última vez. A casca desolada do planeta estando quase gasta, em menos de uma hora meu companheiro estaria livre para perseguir o opressor pela Via Láctea e além destas estrelas em direção aos confins da infinidade.

Um choque bem definido separa minha derradeira impressão da cena de luz evanescente do momento em que acordei de súbito, decerto envergonhado, e ergui-me em minha cadeira conforme via a figura moribunda no sofá mover-se hesitantemente. Joe Slater estava de fato acordando, embora provavelmente pela última vez. Enquanto eu me aproximava dele, vi que em suas bochechas lívidas brilhavam pontos de cor que nunca antes estiveram presentes. Os lábios, também, pareciam incomuns, estando rijamente comprimidos, como se pela força de um caráter mais forte do que fora o de Slater. O rosto finalmente começou a tornar-se tenso, e a cabeça virou-se inquietamente com olhos fechados.

Eu não despertei o enfermeiro que dormia, mas reajustei as testeiras levemente desarranjadas de meu “rádio” telepático, na tentativa de capturar qualquer mensagem de despedida que o sonhador pudesse ter para transmitir. De uma vez a cabeça virou-se agudamente em minha direção e os olhos abriram-se, levando-me a encarar em completo assombro o que eu via. O homem que fora Joe Slater, o decadente de Catskill, estava agora me examinando com um par de olhos luminosos e expansíveis cujo azul parecia ter sutilmente aprofundado. Nem mania nem degeneração eram visíveis nesse olhar, e eu senti sem dúvida que estava vendo um rosto atrás de que jazia uma mente ativa de alta ordem.

Nesta conjuntura meu cérebro tornou-se ciente de uma estável influência externa operando sobre ele. Fechei meus olhos para concentrar meus pensamentos mais profundamente e fui recompensado pelo reconhecimento positivo de que *minha mensagem mental há muito procurada finalmente chegara*. Cada ideia transmitida formava-se rapidamente em minha mente, e embora nenhuma língua fosse empregada, minha associação habitual de concepção e expressão era tão formidável que pareci estar recebendo a mensagem em inglês comum.

— *Joe Slater está morto* — veio a voz petrificante de um agente de além da muralha de sono. Meus olhos abertos examinaram o sofá em horror curioso, mas os olhos azuis ainda estavam calmamente observando, e a fisionomia, inteligentemente animada. — Ele está melhor morto, pois ele era inapto a carregar o intelecto ativo de uma entidade cósmica. Seu corpo imundo não poderia suportar os ajustes necessários entre vida etérea e vida planetária. Ele era muito animal, muito pouco homem; ainda assim é através da deficiência dele que você descobriu-me, pois as almas cósmicas e

planetárias certamente nunca deveriam se conhecer. Ele esteve em meu tormento e prisão diurna por quarenta e dois de seus anos terrestres.

“— Sou uma entidade na qual você se torna na liberdade do sono sem sonhos. Eu sou seu irmão de luz e tenho flutuado com você nos vales fulgentes. Não é permitido que eu conte a seu ego terreno e desperto de sua natureza real, mas todos nós somos viajantes dos vastos espaços e errantes em muitas eras. No próximo ano posso estar morando no Egito que você chama de antigo, ou no império cruel de Tsan Chan que está por vir três mil anos adiante. Você e eu flutuamos para mundos que cambaleiam próximos ao vermelho Arcturos e moramos nos corpos dos insetos-filósofos que rastejam orgulhosamente pela quarta lua de Júpiter. Quão pouco o ego terreno conhece da vida e sua dimensão! Quão pouco, na verdade, ele deve saber para sua própria tranquilidade!

“— Do opressor não posso falar. Você na terra inconscientemente sentiu sua presença distante; você que sem saber futilmente deu ao sinal luminoso o nome de *Algol, o Demônio-Estrela*. É para encontrar e conquistar o opressor que tenho inutilmente me esforçado por eternidades, impedido por estorvos corporais. Hoje à noite eu vou como um Nênese carregando justiça e vingança ardentemente cataclísmica. *Observe-me no céu próximo ao Demônio-Estrela*.

“— Não posso falar mais, pois o corpo de Joe Slater torna-se frio e rígido, e seu cérebro grosseiro está parando de vibrar como desejo. Você tem sido meu único amigo neste planeta — a única alma a sentir e procurar por mim dentro da forma repelente que se deita nesse sofá. Encontrar-nos-emos novamente — talvez nas brumas brilhantes da Espada de Orion, talvez em um platô sombrio na Ásia pré-histórica, talvez em sonhos esquecidos hoje à noite, talvez de outra forma uma eternidade a contar desse momento, quando o sistema solar deverá ter sido varrido.”

Neste ponto as ondas de pensamento cessaram abruptamente, e os olhos pálidos do sonhador — ou posso dizer homem morto? — começaram a brilhar como os de um peixe. Em estupor atravessei até o sofá e tateei seu punho, mas encontrei-o frio, duro e sem pulso. As bochechas lívidas empalideceram novamente, e os lábios grossos abriram-se, revelando as presas repulsivamente apodrecidas do degenerado Joe Slater. Eu estremeci, puxei um cobertor sobre seu rosto medonho e acordei o enfermeiro. Então

deixei a cela e fui silenciosamente para meu quarto. Tive um instante de ânsia inexplicável por um sono de cujos sonhos eu não deveria me lembrar.

O clímax? Que simples história de ciência pode vangloriar-se de tal efeito retórico? Eu meramente escrevi certas coisas apelando para mim como fatos, permitindo que você as interprete como quiser. Como eu já admiti, meu superior, o velho Doutor Fenton, nega a realidade de tudo que relatei. Ele jura que eu estava colapsado com tensão nervosa e em grande necessidade de longas férias remuneradas que ele tão generosamente deu-me. Ele assegura-me por sua honra profissional que Joe Slater era apenas um paranoico inferior, cujas noções fantásticas devem ter vindo das grosseiras histórias hereditárias que circulavam mesmo na mais decadente das comunidades. Tudo isso ele me diz — todavia não posso esquecer o que vi no céu na noite depois que Slater morreu. Para que você não me tome como uma testemunha tendenciosa, outra caneta deve contribuir para este testemunho final, que talvez deva suplementar o clímax que você espera. Eu citarei literalmente o seguinte relato da estrela *Nova Persei* retirado das páginas da célebre autoridade astronômica, Professor Garrett P. Serviss:

“Em 22 de fevereiro de 1901, uma admirável estrela nova foi descoberta pelo Doutor Anderson de Edimburgo, *não muito distante de Algol*. Nenhuma estrela esteve visível naquele ponto antes. Dentro de vinte e quatro horas o estranho tornara-se tão brilhante que ofuscou Capella. Em uma semana ou duas havia visivelmente desvanecido, e no curso de alguns meses era dificilmente discernível a olho nu”.

REFERÊNCIA

LOVECRAFT, H.P. *H.P. Lovecraft: the complete fiction*. 1ª edição. Nova York: Barnes & Noble, 2011, p. 37-45.

Data de recebimento: 11/03/2018

Data de aceite: 08/04/2018